

Red. "a Lanterna"

S. Paulo



Organ Litterario  
Dedicado ao Bello Sexo

# O Chromo

Redactora: Irene Costa

Anno III S. Paulo, 25 Novembro 1901. Num. 3

Casa Durahl-Sorocabá

## Expediente

Redactora-secretaria ;

Aurara Campos



O Chromo será publicado em dias indeterminados.

### Assignaturas :

Anno . . 5.000 réis

Semestre . . 3.000



Toda a correspondencia relativa ao nosso jornal deve ser endereçada á rua Dona Antonio de Queiroz, 3. (Bairro do Braz)

## "O Chromo."

Após longa interrupção, por motivos aliás justificaveis, reaparece hojea o "O Chromo," que, nesta sua nova phase, será inteiramente dedicado á litteratura, ao bello sexo e publicado em dias indeterminados.

Caso se tornem em realidade os nossos pensamentos o nosso jornal passará a ser publicado semanalmente, com oito paginas e illustra-

do pelo distincto caricaturista Placido Isassi  
Isso depende somente da bondade dos nossos leitores, aos quaes pedimos auxilios.

## Confissão

Rimas sem metro

**PENITENTE:** — Senhor cura, amo-a loucamente!

Não consigo olvidar um só instante seu bello seio palpitante nem sua robucunda bocca sorridente!

Cançado de lutar inutilmente e sem ter resignação bastante, peço a Deus, choro supplicante, que me tire a vida de repente!... Eu não quero viver...

**CONFESSOR:** — Oh! que loucura! Tu sabes o que dizes, creatura? Pedes á Deus que te mate?! Que heregia!...

Pensa em Deus...

**PENITENTE:** — Impossivel, senhor cura! Não penso si não nella noite e dia!...

ZÉCA

Braz—10—11—1901

Nas ondas do mar se criam  
Os peixes que nadam bem  
Eu tambem estou me criando  
Para regalo de alquem

## Versos

Flor  
A vida  
Sem amor

E qual folha  
Resequida  
Que nenhum rócio não  
[mólha.

Assim, pois,  
No jardim de teus effectos,  
Planta a rosa dos meus  
[versos;  
E nós dois

Pé aqui, pé acolá,  
—Petizes disinguietos—  
Do amor, em tons diversos,  
[sos,  
Cantemos o b-a-b-a!

Arthur Bastos

## Santos

Um juiz da irmandade do Rosario, dando ordens na egreja para festa do dia immediato, muito asafamado, dizia :

— O Sol tocará ao sair dos sinos e a egreja dará duas voltas a roda da precisão!...

## O COLLAR MAGICO

A' Manoel Antonio da Silva

— "Sim, meu bom Arthur, Judith, a minha amada, me traiçou!..."

— "Não podes dizer tal, Alberto, enquanto disso não tiveres provas irrefragaveis!..."

— "Ah! a esperança que nutria de nunca encontrar essa prova, foi desfeita hoje dia em que Judith completa dezoito annos!..."

— "Como assim?!"

— "Oíça: — Quando, hoje, á tarde, cheguei á casa de Judith, encontrei-a no jardim, em companhia do primo Edgard.

Assim que ella me viu, veiu ao meu encontro e suas faces principiaram a porpuzear...

Suas mãos tremeram entre as minhas e ella balbuciou ao proferir meu nome...

Edgard — como veado que foge ao avistar ao caçador — fugiu!

Eu fingi nada perceber.

Offereci o braço á Judith e penetramos no chalet, aonde entreguei o meu presente.

Ella convidou-me á ir ao seu *boudoir* afim de mostrar-me os mimos que havia recebido.

Accedi ao convite.

Alli, no *boudoir*, mostrou-me numerosas daviadas e entre ellas, numa formosa caixinha de velludo verde, um riquissimo collar.

— "Bellissimo! Quem t'o deu?" perguntei-lhe.

— "Foi...foi...foi o primo Edgard!..."

Não posso descrever, querido Arthur, a maneira sin-

gular com que essas palavras foram ditas!

Após pequena pausa eu prosegui:

— "Esse riquissimo collar, cmfim todos esses zephiros, rubis e topazios que ahi estão, não valem o collar que acabo de te offertar!

Este collar tem a rara virtude de matar, fulminar, a mulher infiel que o cingir!

— Como?!..."

— "Em um abrir e fechar de olhos, minha adorada Judith: — a mulher que for infiel ao amante, assim que collocar este collar cairá fulminada! Entendes?!"

— Sim!..."

— "Só tú poderas usar-o sem que ocorra perigo!..."

— Sim...sem duvida!..."

— "Vamos, quero ver se te fica bem esta joia magica.

Colloca-o em teu collo nevado!..."

Ao ouvir estas minhas ultimas palavras, Judith, soluçando, como uma desvaiada, lançou-se-me nos braços, dizendo:

— "Oh! Alberto, meu querido Alberto, sou indigna de tí! Me perdôa! Não posso... não posso usar o collar que me deste... eu tenho medo, tenho horror á morte!..."

JOSÉ CANTINHO

S. Paulo — 1901

## VORREI MORIR

Foi a derradeira vez que te contemplei, Cadaverica estavas com o olhar febril de phisica litavas sonhada a o infinito. Hoje és morta.

Toda tua riqueza não te salvou.

Filha de nobres que amastes com loucura um plebeu que não te quiz. Elle recusou tua fortuna.

Essa disillusão te matou Venceu-te o anjo do trabalho, elle preferiu-o, e tu opulenta desdenhada definhaste, a tristeza, o repudio, a indiferença te matou!

Sei muitas loucuras tuas mereces perdão, porque muito amaste.

Havia grande baile em teu palacio.

Todos os felizes pensavam na fortuna de estarem em tal convivio. Tu pudeste ver lo indifferente contigo conversando com ella amoroso e apaixonado junto á rotula do Casebre fronteiro ao teu palacio

Foste ao piano com voz plangente, divina, po que vinha do coração, e despeçada n'um brado de dor, disseste... "Vorrei morire"...

Paz á tua alma, victima do destino que prova que nem sempre o ouro vence.

B. Pinto

S. Paulo, — 1901.

Irinéa Cantinho

NUM JAZIGO

I

*Ha saudades de saudades,  
e são as mais lancinantes!  
Quem me dera ter agora  
saudades que eu tinha d'antes*

II

*Ajoelhada em teu jazigo,  
quando, pensando em tí,  
eu sinto eu-me saudado  
de saudades que soffri!...*

Julia Gasmão

## Às Noite

Corre a noite serena e refulgente,  
Tremem estrellas n'amplidão do espaço,  
E na beira d'astrada sobre o braço  
Da cruz o mocho pia tristemente.

Canta a brisa e canta alegremente,  
Emquanto desce o luar tão baço  
E a luz desse luar, luar escasso,  
Vae a onda beijar alegremente.

Um perfume de rosa embriagante,  
Enche o espaço sereno scintillante,  
E bem feliz dormita a natureza!

Ai que contraste co'este peito morto,  
Chora minh'alma sem conforto  
Na escuridão lethal desta tristeza

Alfredo E. P. Assis

(Das "Flores Fanadas,, inedito)

## Um adagio

"A minha amiga e  
collega Maria Juvenal,"



NOITE de novembro enluarada e bella.

A' porta de uma cabana, na Aldeia das Rosas, uma velhinha contava historias á um seu netinho:

—Meu netinho:— Era uma vez um general que era tido como o mais valente d'entre todos os guerreiros de sua Patria.

Havia uma guerra e o rei nomeou-o commandante da tropa. Em todos os combates, a tropa commandada pelo terrivel general sahiu victoriosa! N'uma noite, em que o general já se achava recolhido á sua barraca, viu surgir um official, que lhe disse:

—Meu general: o inimigo se approxima, e disse tive conhecimento pela patrulha.

Si elle atravessar o rio... estamos perdidos, Devemos, pois, combatel-o immediatamente!

—“Não tema coronel,— respondeu o general,— amanhã ao romper da aurora, prtiremos ao encontro d'elle!,”

A velhinha fez uma pausa, tirou do bolso a caixinha de rapé, tomou uma pitada, passou no nariz o grande lenço encarnado e continuou:

—“Mas n'essa mesma noite, o inimigo atravessou o rio e não encontrando tropa que impedisse na sua marcha, cahiu sobre o acampamento do general e derrotou-o;...”

O menino que escutava attento a historia da avósinha, vendo que esta não continuava, perguntou:

—Mas como?! A avósinha dissera que o general nunca fôra vencido, como é que...

—Dissera, sim, meu netinho; mas, foi por causa do general que o inimigo sahiu victorioso. Em vez de attender ao conselho do coronel, de combater o o inimigo n'aquella mesma noite, deixou para o dia seguinte.

Essa foi a causa da sua derrota!

Saiba meu netinho que “nunca se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje!...”



## Casé amoroso

Lingagem muda de se offerecer com determinadodo sentido, uma chicara com café.

Café com muito assucar—O amor é tão bom...

Café fraco—Fale com mamãe.

Café forte—Tenho medo de papae

Café com bitter—passe amanhã por aqui.

A chicara com aza para o lado direito—já estou compromettida.

A chicara com aza para o lado esquerdo—amote.

A colher no pires—só a ti pertenco.

A colher na chicara—despreso-te.

Chama-se a isto lingagem amorosa n'um paiz essencialmente agricola.

## Lyrismo

K

Tu, rainha  
Doce minha,  
Bella que és,  
Minha eleita,  
Olha, aceita  
A teus pés

Estes versos;  
Trago emersos  
De um amor,  
Que atormenta,  
Que me attenta,  
Linda flor!

Quando a aurora  
Tudo enflora  
Com a luz,  
Vêm das flores  
Meus amores,  
Minha crúz!

Tudo fala  
Ledo, em gala,  
Terra e céu,  
O divino,  
O assassino  
Nome teu.

A meu peito  
Satisfeito,  
dos jardins  
Jogam settas  
Violetas  
E Jasmins.

E' teu riso  
Que diviso,  
O' mulher!  
Visão cara  
Que me aclara  
Todo o ser!

Quando á tarde  
O Sol arde  
A sumir,  
Vêm anjinhos,  
com espinhos,  
Me pungir.

São saudades,  
Anciedades  
Immortaes;  
E minha alma  
Solta em alma  
Os seus ais.

Ais.. queixumes,  
Ais.. ciumes,  
cherubim,  
D'essa bocca,  
Que me alouca,  
De carmin.

E sonhando  
Vivo e ando  
Esse olhar  
Tão perfeito:  
Tenho o peito  
a sangrar:

V. Cruz

## Notas Esparsas

«O Chromo»

Deixaram, difinitivamente, os cagos que occupavam, de redactor e director d'«O Chromo», os nossos collegas Ascendino Macuco e José Cantinho, que continuarão a auxiliar-nos com as suas collaborações.

Illustrará o proximo n.º d'«O Chromo» o retrato do illustre escriptor brasileiro Arthur Goulart.

Este retrato será acompanhado de um artigo sobre o mesmo escriptor.

Da confecção do proximo artigo está incumbido o novo collaborador Romer de Liza

De volta de sua viagem do interior do Estado, está nesta Capital o distincto moço sr. Sergio Ceslau de Moura, á quem cumprimentamos cordialmente.

No dia 13 do corrente fez annos o honrado funcionario da agencia postal de Santos, sr. Joaquim Paula dos Santos, pae da exma. snra. D. Agrippina S. de Souza Cantinho, gentil e virtuosa esposa do nosso collega de jornalismo sr. José Cantinho,

A gentil senhorita Juventina França, eximia pianista, foi bastante applaudida no ultimo concerto da «Primavera»

No presente n.º d'«O Chromo», publicamos um bello poneto do joven e illustre poeta Alredo E. P. Assis, nosso distincto collega d'«O Iris»

O sr. Assis collaborará, d'ora avante n'«O Chromo»

Vindo de Petropolis, achase nesta cidade o sr. Carlos Gomes Ferreira de Meilo.

Sabemos que o n. de Natal do excellente semanario «A Rosa», de Sorocaba, esta sendo, desde já, confeccionado com todo o esmero, sob a direcção do seu illustre director sr. Martin Junior.

Esse n. será collaborado por litteratos feitos, impresso em varias cores e conterá muitas paginas.

No proximo n. publicaremos artigos e poesias das novas collaboradoras.

